

alameda digital

actualidades, ideias e cultura

Notas avulsas e Direitas polémicas

por Pedro Guedes da Silva

I. Muitas Direitas

Por muito que isso não agrade aos mais reputados pensadores das direitas que o sistema aceita, a verdade inquestionável é que aquilo a que chamamos direita está muito longe de ser uma realidade uniforme. Com efeito, entre as direitas podemos considerar dois ou três pontos de contacto – um certo pessimismo antropológico, a valorização da independência nacional, a recusa de mitos igualitários e uma dose razoável de realismo político - e pouco mais (para não mencionar alguns contextos em que a história provou que nada unia “*as direitas*”). Tenha-se então, como ponto de partida, a capacidade de dar por válida a resposta de Prezzolini na *Intervista sulla Destra* em que considera poder apenas falar-se do “*conjunto das Direitas, das que recordámos e das que esquecemos*”.

II. Direitas por caricatura

Um dos pressupostos que devemos considerar é o de que quem determina as classificações políticas – fazendo-o, vai para quatro décadas, com especial severidade - é justamente a esquerda, a mesma esquerda que controla a comunicação social e os meios académicos e *intelectuais*. Sucede que, tendo essa *nomenklatura* a capacidade de filtrar a opinião publicada e sendo certo que o que se toma como centro está cada vez mais à esquerda, a direita que não se importa de o continuar a ser ou não se publica ou, em aparecendo, vem rotulada de *extrema-direita*, quando a não apelidam de coisa pior. Daqui decorre que a Direita permitida pelo *mainstream* sistémico mais não é do que uma caricatura do que deveria ser, com a agravante de que os grandes teóricos dessa mesma Direita com acesso à comunicação mais não fazem do que apagar memórias e olvidar referências. E daí a acompanharem as agendas e os temas que aproveitam àqueles que deveriam ser os seus adversários políticos sistema vai uma distância menor do que a que separa Vila Verde de Ficalho de Rosal de la Frontera – ainda para mais nestes tempos em que, como é sabido, as fronteiras já não existem. Alguns, como já chegaram mesmo a assumir publicamente, gostariam inclusivamente de ser de Esquerda, não se sentindo cómodos nas vestes que era suposto representariam. E assim estamos.

III. Uma Direita que não caiu do céu

Não haverá Direita – qualquer que ela seja - sem memória histórica, sem referências estéticas, literárias e artísticas, sem heranças políticas. Isso não significa, pelo contrário, que se pretenda (re)viver o impossível, restaurando a Europa anterior à Revolução Francesa ou voltando aos tempos em que se afixavam grandes teorias em jornais de parede. Significa, isso sim, que a Fidelidade vai sendo um valor em baixa na actual cotação do mercado, embora seja suposto caracterizar os Homens de Bem. É nesse quadro que, sem extremismo algum e com absoluta abertura de espírito, me sinto herdeiro dessa enorme abertura de espírito de Rodrigo Emílio, não renegando influências políticas e estéticas de gente tão diversa como Sardinha, Almeida Braga, Pimenta, José Agostinho de Macedo, Frei Fortunato de S. Boaventura, António Ferro, Manuel Maria Múrias, etc. – para citar os “*nostros*” – gente que no meu quadro de referências convive de braço dado e sem qualquer problema com Corção, Lefévre, Maurras,

Drieu, Brasillach, Rebatet, Pound, Primo de Rivera, Gentile, D'Annunzio, Evola, Almirante, Sima e *tutti quanti*. Aliás, tenho para mim o que segue: por mais pesada que fosse a herança – e não é! – a solução não seria nunca empurrar Brasillach para debaixo do tapete, mas antes mostrar e demonstrar que o que a opinião hoje publicada dele diz e escreve é, essencialmente, uma aldrabice.

IV. Uma Direita Nacional

Assumidas as referências, que uma coisa, ao menos uma, fique clara: uma Direita portuguesa nacional, social e popular com cabeça, coluna, tronco e membros não precisa de ir buscar nada lá fora. Temos cá de tudo, já produzimos de tudo – de tradicionalistas a futuristas – e sempre com qualidade assinalável. Uma coisa são as referências, outra são as importações. E importar o que não se nos aplica é um erro tremendo, tanto mais grave na medida em que o realismo político que deve ser característica da direita não o aconselha.

V. Uma Direita actual mas coerente

Nada do que atrás se disse – basicamente de que ninguém nasceu de geração espontânea – belisca a tese essencial: a de que o mundo não caminha em marcha-atrás. Uma direita para o século XXI é forçosamente uma direita que fale para o mundo e para as gentes de hoje, com mulheres e homens de hoje e que seja capaz de dar respostas para os problemas com que se debatem os nossos contemporâneos. Tudo o mais é folclore.

Ora, esta verdade insofismável versando a necessidade de permanente actualização doutrinária comporta aquilo a que chamo o “risco Fini” (que retomarei adiante). Sendo necessário modernizar, mostrando-se essencial reapontar discursos e baterias, não é de todo necessário apagar tudo o que ficou para trás mesmo nos casos em que o postulado mantém total actualidade. Dito de outro modo e a título de exemplo: se a resposta ao problema cada vez mais visível do crescente endividamento das famílias exige abordagens e respostas inovadoras, não é por isso que nos encontraremos forçados a fazer ruir toda a cosmovisão que nos moldou. Ou ainda: o aborto não deixa de ser um crime tremendo apenas porque nos últimos anos temos sido assolados – dizem alguns – pelos efeitos decorrentes do aquecimento global... Tais transformações tão absolutas como desnecessárias são um atropelo à memória de quantos connosco acamaradaram e se bateram desinteressadamente durante décadas por teses que a dado passo sufragámos.

VI. O poder a qualquer preço

O “caso MSI” é nesse aspecto toda uma lição. Nos primeiros anos da década de 90, Gianfranco Fini resolveu liquidar um dos mais importantes e interessantes partidos da cena europeia do pós-guerra (o Movimento Sociale Italiano – Destra Nazionale), mudando-lhe a face, a denominação e as convicções, em nome de uma moção de estratégia que garantia ser esse o caminho mais curto para chegar ao poder. Por paradoxal que pareça, doze anos passados, teve razão e não teve. É um facto que chegou ao poder, embora em coligação e por pouco tempo, mas não deixa de ser verdade que teve em mãos meia dúzia de pastas ministeriais em que, sob a tutela de Berlusconi, colocou em prática exactamente o contrário do que defendeu durante cinquenta anos. A Aliança Nacional de Gianfranco Fini herdou o mais importante partido europeu assumidamente anti-sistema para o desfazer enquanto tal em pouco tempo; herdou mais de 40% dos votos em Roma e Nápoles, números que nunca mais veio a repetir; herdou comunidades militantes locais que desbaratou em dois ou três anos. De caminho – e salvo o irrelevante - não ficou nada da doutrina inicial. Ora, a vertigem da cavalgada do poder a qualquer preço mostrou-se assim fatal para o projecto político de Giorgio Almirante, o “inventor” de Fini que era ao mesmo tempo um mestre na arte de federar direitas que à partida se mostravam difíceis de unir.

Em todo o caso, se me parece que o “modelo Fini” é um equívoco lamentável, não deixo de considerar que a tal ligação intensiva ao mundo real que na altura arrebatou tantos congressistas é imperiosa. Considero, isso sim, que a ideologia não pode ser simplesmente eliminada para que atrapalhe menos, como se verificou no caso italiano. Pelo contrário, ela deve estar sempre presente funcionando como ponto de partida e referência de valores perenes, para que não se venham a transformar projectos políticos globais e sustentáveis em meros “populismos” de ocasião, balões de encher e esvaziar ao sabor das urnas e que doutrinariamente acabam por não ser nada – a não ser a outra face do “modelo Fini”.

Mais grave que, para cúmulo, este tipo de “populismos” (habitualmente monotemáticos e por isso relativamente fáceis de anular) tendam a atrair gente que se vai revendo na caricatura que deles faz o sistema, ao invés de se sentirem próximos de princípios fundacionais - que entretanto já foram eliminados.